

Aníbal Barreira *

O ensino da História no 3.º ciclo de escolaridade obrigatória – os interesses dos alunos e a prática docente **

R E S U M O

Através de um Inquérito aplicado em Escolas do Porto e arredores, procurou-se aferir sobre o que pensam os alunos dos 8.º e 9.º anos da disciplina de História, dos conteúdos, dos recursos, da execução da aula, da avaliação e dos instrumentos de estudo. Embora se trate de uma amostragem (175 alunos), as suas respostas permitem-nos tirar ilações que, cruzadas com outros estudos recentes sobre a população escolar portuguesa e europeia, nos podem ajudar a compreender os seus interesses e a adequar a didáctica da disciplina a uma construção mais consistente do conhecimento histórico, com vista à conquista de um espaço insubstituível no seu currículo.

Na análise do estado do ensino da História, resolvemos ouvir os alunos que constituem, como se sabe, o principal alvo do processo ensino/aprendizagem.

Concentramos a nossa atenção no 3.º ciclo da escolaridade obrigatória. Para tanto, elaboramos um inquérito a que responderam 175 alunos de nove turmas – cinco do 8.º ano de escolaridade e quatro do 9.º ano de escolaridade – oito das quais pertencem a núcleos de estágio, supervisionados pela Faculdade de Letras do Porto. As turmas, que responderam ao inquérito, são da Escola Secundária de António de Sérgio (V. N. de Gaia), E. B. 2/3 de Baguim do Monte (Rio Tinto), E. B. 2/3 de Moreira da Maia (Maia), E. B. 2/3 de Nicolau Nasoni (Porto) e Escola Secundária da Rainha Santa Isabel (Porto).

Tivemos a preocupação de escolher turmas de diferente nível de aproveitamento. Algumas das turmas integram alunos do ensino especial, como acontece nas escolas de Baguim do Monte, Nicolau Nasoni e da Rainha Santa Isabel. Os alunos das nove turmas referidas têm um aproveitamento razoável na disciplina de História. 36 deles são de nível 2,94 de nível 3,33 de nível 4 e 12 de nível 5.

O inquérito (ver anexo) é constituído por 6 grupos de questões, cujos conteúdos são os seguintes:

Grupo A – A disciplina de História – disciplinas que mais agradam aos alunos; importância atribuída à História;

Grupo B – Os conteúdos – preferência dos alunos pelas matérias a leccionar;

Grupo C – Os recursos – identificação dos recursos utilizados na aula, dificuldades na sua exploração;

Grupo D – A execução da aula – desempenho dos professores e dos alunos nas aulas;

Grupo E – A avaliação – critérios julgados importantes pelos alunos;

Grupo F – Os instrumentos de estudo – meios ao dispor dos alunos (manual, apontamentos, Internet, etc.).

Nem todos os dados recolhidos no inquérito foram considerados no presente trabalho.

* Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Departamento de História. Assistente convidado.

** Comunicação apresentada no Ciclo de Colóquios “Estado da História”, realizado no Anfiteatro Nobre da Faculdade de Letras do Porto, a 4 de Abril de 2001.

O gosto pela História

Dos 175 alunos que responderam ao inquérito, 72,57% afirmaram gostar de história contra 25,71% que se manifestaram negativamente; 1,72% não se pronunciaram ou hesitaram na resposta. Pedimos, também, aos alunos que colocassem, por ordem de preferência decrescente, quatro disciplinas do seu ano. 50,17 % dos alunos posicionaram a História entre as quatro disciplinas de que mais gostam, 7,4% em 1.º lugar, 8,57% em 2.º lugar, 16% em 3.º, 18,2% em 4.º lugar.

Procuramos saber por que razão 72,57% dos alunos inquiridos gostam de História e, ao invés, por que não a apreciam os referidos 25,71%. Entre aqueles que gostam de História, 28,34% deram-nos respostas lineares – matéria interessante, cativante, divertida, engraçada, curiosa, misteriosa. 48,03% responderam que gostavam de História porque esta lhes permite conhecer o passado. E especificavam que a disciplina lhes proporcionava o contacto com novas sociedades, novas culturas, novas políticas, que lhes permitia saber como viviam e pensavam os povos, conhecer a evolução tecnológica da humanidade, a vida de pessoas importantes e a história dos povos e, em especial, a de Portugal. 6,29% responderam, com sentido pragmático, que a história lhes facultava conhecer as dificuldades do passado, compreender o presente e preparar o futuro. Apenas uns escasos 3,93% dos alunos gostam da história por esta lhes permitir desenvolver capacidades (especial referência ao diálogo e ao desenvolvimento da inteligência).

QUADRO N.º 1

O gosto pela História	(72,57 % dos alunos)
Motivos	%
Matéria interessante, cativante, divertida, engraçada, curiosa, misteriosa (resposta linear)	28,34%
Conhecimento do passado – contacto com novas sociedades, novas culturas, novas políticas; conhecimento da evolução tecnológica da humanidade, da história dos povos e, em especial, de Portugal	48,03%
Compreender o passado e preparar o futuro	6,29%
Desenvolvimento de capacidades (diálogo, inteligência)	3,93%

Fonte: Inquérito feito a alunos dos 8.º e 9.º anos de escolaridade

Pelo contrário, entre aqueles que não gostam de história – 25,71% dos alunos, como dissemos – 48,88% destes vêem nela uma matéria desinteressante, complicada, aborrecida, pouco motivadora; 33,33% acham-na difícil, pelo facto da matéria ser complexa e implicar muito estudo e esforço de memória; outros 13,33% não vêem na história nada de importante para o futuro de cada um, só interessando a quem quiser ser historiador; os restantes 4,44% atribuem o alheamento pela disciplina à maneira como as aulas são dadas.

Algumas frases retiradas dos inquéritos documentam o que acabamos de dizer “Interessante conhecer acontecimentos passados que levaram às condições actuais”, diz um aluno; “Penso que, através dos momentos vividos no passado, podemos conhecer e resolver as situações mundiais do presente”, diz outro dos alunos que gostam de história. “ Todos sabem (ou pelo menos a maior parte das pessoas sabe) que a história é uma disciplina dita “seca” e eu não fujo à regra”, “Não gosto de saber da vida das outras pessoas” dizem três alunos que não gostam da disciplina.

O programa de história do 3.º ciclo, ainda em vigor (este artigo data de Maio de 2001), propõe como objectivos básicos a atingir, no *domínio dos conhecimentos*, a aquisição de noções como as de evolução histórica, de condicionalismo e de causalidade, de multiplicidade temporal, de relatividade cultural; no *domínio das aptidões/capacidades* a iniciação na metodologia da história, o desenvolvimento da capacidade de comunicação (nas suas diversas facetas) e no *domínio das atitudes/valores* atitudes de autonomia, hábitos de discussão, desenvolvimento do espírito crítico, da sensibilidade, da criatividade, atitudes de sociabilidade e de solidariedade como espírito de tolerância, cooperação, defesa do património, construção europeia, melhoria da qualidade de vida, valorização da região e do país.

Ora, de acordo com o que se pode concluir dos inquéritos, a história é entendida fundamentalmente como fonte de conhecimentos que esclarecem o passado e ajudam a preparar o futuro. O domínio da aquisição de conhecimentos sai assim privilegiado. Em particular, o domínio das atitudes e dos valores não nos parece ter sido interiorizado pelos alunos. Perguntamos então: deficiência dos programas ou de quem transmite a mensagem? Culpa do Ministério ou dos professores?

A prática docente

No que respeita à prática docente, 75,42% dos alunos preferem aulas participativas, contra 22,28% daqueles que defendem aulas expositivas; 2,28% não responderam ou optaram simultaneamente pelas duas.

Os adeptos das aulas participativas argumentam que estas aulas são mais dinâmicas, mais agradáveis e cativantes, mais alegres e interessantes, mais motivadoras e, por isso, menos monótonas e cansativas. “Ouvir o professor na aula dá sono” diz um deles.

Mas, não se ficam por aqui os argumentos dos alunos que defendem aulas participativas. Consideram que o diálogo na aula permite esclarecer dúvidas, confrontar ideias e exige mais atenção e concentração.

Na sua perspectiva, esta forma de dar as aulas permite, também, a auto-avaliação e a correcção de ideias falsas ou pré-concebidas. A aula é um esforço colectivo, os conteúdos tornam-se mais explícitos. Desta forma, fica a saber-se mais. A História, assim, aprende-se com mais facilidade argumentam.

Mas, como nos dizem alguns alunos, as aulas participativas contribuem, também, para a auto-estima de cada um. O aluno pode mostrar serviço, sente-se útil, o professor, por outro lado, presta-lhes mais atenção.

As virtualidades das aulas participativas estão, em parte, consubstanciadas no desabafo de um dos alunos “Se um professor chega às aulas e começa a falar como uma metralhadora, não conseguimos entender nada e tirar dúvidas”.

QUADRO N.º 2
DEFENSORES DAS AULAS PARTICIPATIVAS (72,42% dos alunos)

ARGUMENTOS	%
Aulas mais dinâmicas (agradáveis, alegres, interessantes, cativantes, motivantes)	25,75%
Aulas que permitem compreender melhor a matéria e confrontar ideias	67,42%
Aulas que permitem avaliação (corrigir ou ser corrigido)	3,03%
Aulas que contribuem para a auto-estima (os alunos sentem-se mais úteis, os professores prestam-lhes mais atenção)	3,78%

Fonte: Inquéritos feitos aos alunos do 8.º e 9.º anos de escolaridade

Ao invés, como dissemos, 22,28% dos alunos preferem aulas expositivas. Defendem que o professor explica melhor e que, desta forma, se presta mais atenção na aula. Pode retirar-se da matéria as partes mais importantes e fazer resumos. Na aula de descoberta dirigida, acrescentam, os debates resultam em confusão, o aluno fica perdido no emaranhado das opiniões, as aulas são barulhentas, o rendimento deixa a desejar.

Outros alunos defendem aulas expositivas por motivos diversos. Alguns têm receio de participar, não gostam de falar em público, embora reconheçam que não é agradável estar sempre a ouvir o professor a falar. Outros, por falta de conhecimentos, têm medo de errar. Evitam, por isso, participar nas aulas.

Os programas de História do 3.º ciclo abordam, como é sabido, a evolução da humanidade desde a Pré-História até aos nossos dias, numa perspectiva fundamentalmente sócio-económica acrescida, nos diferentes períodos, de aspectos marcantes da história das instituições, da cultura e da arte. No tratamento dos conteúdos, o professor dispõe hoje de uma grande variedade de recursos fornecidos pelos circuitos comerciais e pelos editores de manuais escolares. Dos 175 alunos alvo do nosso inquérito, 160 afirmam que, nas suas aulas, exploram documentos escritos, 135 que analisam mapas, 134 que utilizam figuras, 109 que visualizam videogramas, 109 que fazem visitas de estudo, 82 que exploram cronologias, 35 que participam em dramatizações, 35 que analisam gráficos e esquemas, 24 que fazem outro tanto em relação a transparências.

QUADRO N.º 3

UTILIZAÇÃO DE RECURSOS NA AULA	Opinião dos alunos (%)
Documentos escritos	91,40%
Mapas	77,14%
Documentos iconográficos	76,57%
Videogramas	62,28%
Visitas de estudo	62,28%
Dramatizações	20,00%
Gráficos e esquemas	20,00%
Transparências	13,70%

Fonte: Inquéritos feitos aos alunos dos 8.º e 9.º anos de escolaridade

O desempenho dos alunos nas aulas traduz-se na exploração de recursos e na resolução de questões (92,57% das opiniões dos alunos), na participação em debates (21,90% das opiniões dos alunos), na colaboração na organização de exposições (13,4% das opiniões), na elaboração de material didáctico (7,47% das opiniões), na recriação de história ao vivo (5,67% das opiniões), na elaboração de biografias (3,5% das opiniões), em trabalhos de grupo (10,3% das opiniões), em pesquisas na Internet (0,25% das opiniões).

Pelo que foi dito, podemos então concluir:

- a condução das aulas de História depende, fundamentalmente, da iniciativa do professor;
- os documentos escritos e iconográficos são os recursos mais utilizados.

A selecção de recursos utilizados na aula pertence, como é sabido, ao professor. Mas irão os professores ao encontro das verdadeiras necessidades dos alunos? Não estarão eles equivocados acerca dos legítimos interesses dos discentes?

Continuidade e mudanças

A análise dos inquéritos permite-nos perceber sinais de mudança. Entre os 175 alunos inquiridos, 51 alunos acham que as aulas estão bem como estão. Não apresentam, por isso, propostas de alteração no que refere à execução das mesmas. Mas, outros querem ir mais longe. Neste sentido, defendem aulas ainda mais dinâmicas, mais interactivas, como nos diz um deles, aulas mais empenhadas, mais divertidas. Há quem deseje aulas sem professor, mais há quem defenda até mais do que um na sala de aula para que a matéria fique bem esclarecida; há quem pense em aulas ao ar livre. Outros alunos propõem aulas em que haja pesquisa. Em suma, participação e pesquisa são as aspirações fundamentais dos alunos.

No nosso inquérito, pedimos aos alunos que colocassem, por ordem de preferência, temáticas diversas de abordagem da história. Concluímos que os alunos preferem, em primeiro lugar, história da cultura, seguida pela história da arte, história das ciências e das técnicas, história social, história económica e, em último lugar, história política. Havia, ainda, quem referisse história das religiões.

De igual modo no inquérito, os alunos eram interpelados sobre as estratégias da sua preferência. Em 1.º lugar referiam as visitas de estudo, seguidas pelos videogramas, filmes, dramatizações, recurso ao computador, história ao vivo; em último lugar documentos escritos e quadros cronológicos.

QUADRO N.º 4
ESTRATÉGIAS/ RECURSOS PREFERIDOS PELOS ALUNOS

Ordem de preferência	
1.º	Visitas de Estudo
2.º	Videogramas, filmes
3.º	Dramatizações
4.º	Computador
5.º	História ao vivo
6.º	Documentos escritos e quadros cronológicos

Fonte: Inquéritos feitos a alunos dos 8.º e 9.º anos de escolaridade

Os quadros cronológicos e os documentos escritos não captam as simpatias dos alunos. Não nos admira que assim seja. Uma linha, com datas, tornam-se terreno muito árido, nada cativante.

Por experiência, sabemos que os alunos não gostam de explorar documentos escritos. Por essa razão, incluímos no nosso inquérito a questão “Que dificuldades encontra na exploração do documento escrito?”

Os alunos queixam-se de que não compreendem o vocabulário, as palavras são difíceis, “caras”, muito antigas, diferentes das usadas nos nossos dias, escritas noutra português. Os alunos têm, também, dificuldades em entender o conteúdo dos documentos, em retirar deles as ideias principais, em compreender a mensagem. Lamentam-se que os textos usem sentido figurado, que não vão diretos ao assunto, que os escritores exagerem no que escrevem e não se tenham preocupado com os alunos. Propõem, além de mais, que os documentos se apresentem de forma mais resumida.

Alguns reparos dos alunos merecem a nossa concordância. Mas, estarão os professores a ensinar conteúdos que não correspondam aos interesses dos alunos? Utilizarão aqueles, nas aulas, recursos que pouco dizem aos discentes?

Em busca do caminho fácil

A análise das respostas dadas no nosso inquérito permitem-nos compreender que os alunos procuram o caminho mais fácil e agradável.

No inquérito, pediamos-lhes que colocassem, por ordem de preferência, os temas do 7.º ano de escolaridade, a saber Pré-História, Egipto, Grécia, Roma, Idade Média. As conclusões apuradas não nos surpreenderam. O estudo da civilização egípcia conquistou as preferências de 64 alunos, a Pré-História 59 preferências, a Idade Média 26 preferências; Roma com 14 preferências e Atenas com 12 preferências ficaram longe das simpatias demonstradas para com os outros conteúdos programáticos. Não pedimos que fossem justificadas as opções. Desconhecemos, por isso, as razões que os levaram a manifestar tais preferências. Linearmente, parece-nos ser mais fácil e agradável estudar os conteúdos do Egipto, da Pré-História e da Idade Média, de apreensão mais imediata e menos trabalhosa, que dominar a história mais abstracta de Roma e da Grécia, onde se torna necessário memorizar esquemas de instituições, bem diferentes das dos nossos dias.

Os mesmos motivos justificam a preferência dos alunos, como vimos, pela história cultural, a história da arte, a história social sobre a história económica e a história política.

No inquérito efectuado, os alunos propõem a redução dos conteúdos programáticos, actualmente em vigor. Para o efeito, apresentam argumentos de ordem vária. A redução dos conteúdos ao essencial *atrairia o estudante* (“O reduzido encanta”, “Com muita matéria perde-se a vontade de estudar”, “Não teríamos de estudar palha” são algumas das justificações apresentadas). Por outro lado, *facilitaria a compreensão* (“Os conteúdos complexos baralham os alunos”, “Os conteúdos mais curtos e simples permitem uma apreensão mais rápida”, “Quem quiser aprofundar partiria do essencial e recorreria depois à biblioteca” argumentam outros alunos). *Os programas poderiam ser concluídos* (“Chega-se ao fim com as matérias por dar” justificam-se outros). *Os alunos cansar-se-iam menos* (“Há muitas matérias e disciplinas a estudar”, “Não seria preciso fazer resumos” justificam). Ao invés, raríssimos são os alunos que ousam afirmar “Quanto mais informação correcta houver melhor” ou “As falhas conduzem a erros graves na compreensão da História”.

Na selecção de recursos, os alunos privilegiam, como vimos, o que é mais agradável e não implica tanto esforço – as visitas de estudo, o videograma, a dramatização, os computadores; pelo contrário, não apreciam a exploração de documentos escritos.

A mesma tendência é visível em outros momentos do processo ensino/aprendizagem. Num dos grupos do inquérito, pedimos aos alunos que colocassem, por ordem de preferência, determinadas questões para testes. Referíamos questões de desenvolvimento, questões de preenchimento de espaços, questões tipo verdadeiro-falso ou outras. As respostas adivinham-se. Entre os 175 alunos, 83,42% preferem questões tipo verdadeiro-falso; 56,57% questões tipo preenchimento de espaços; 34,28% questões de desenvolvimento; 13,71% chegam mesmo a pedir questões com cruces, de resposta rápida, directas, fáceis e objectivas, questões que relacionam datas com acontecimentos, que liguem frases, preenchimento de quadros, palavras-cruzadas, sopa de letras, identificação de figuras.

Nem a ideia que os alunos têm de um bom professor escapa a esta tendência. Por dados recolhidos de um outro inquérito, ficamos a saber que para os alunos dos nossos dias um bom professor é aquele que explica bem, que é compreensivo e amigo dos alunos e dá poucos trabalhos para casa.

Ao longo destas páginas abordamos algumas inquietações dos alunos acerca da disciplina de História. É necessário ouvir os alunos. Mas, seguir as suas opiniões, até onde?

ANEXO**Inquérito aos alunos de História**

Este inquérito destina-se a conhecer melhor os interesses dos alunos. É anónimo, isto é, não tens que escrever o teu nome. Portanto, deves responder às questões com verdade e sinceridade.

A – A disciplina de História

1 – Coloca, por ordem decrescente de preferência, quatro disciplinas do teu ano.

2 – Gostas de História? (Assinala com um X)

Sim

Não

Porquê?

3 – Na tua opinião, qual a importância do estudo da História?

B – Os conteúdos

1 – Que conteúdos da História mais aprecias? (Coloca por ordem decrescente de preferência, de 1 a 6)

História económica

História social

História política

História cultural

História da arte

História das ciências e das técnicas

Outros _____

2 – Coloca, por ordem de preferência, de 1 a 5, os seguintes temas do 7.º ano de escolaridade:

- Pré-História
- Egipto
- Atenas
- Roma
- Idade Média

C – Os recursos

1 – Assinala, com um X, os recursos normalmente utilizados nas tuas aulas:

- Documentos escritos
- Figuras (de monumentos, paisagens, obras de arte, etc.)
- Mapas
- Cronologias
- Videogramas (documentários televisivos, filmes,)
- Dramatizações
- Visitas de estudo
- Outros. Quais? _____

2 – Coloca os recursos referidos, no ponto anterior, por ordem de preferência:

3 – Que dificuldades encontras na exploração dos documentos escritos?

D – A execução da aula

1 – Que tipo de aula preferes? (Assinala com um X)

- Aula em que o professor expõe a matéria
- Aula em que participas, através da análise de recursos variados

2 – Justifica a resposta dada:

3 – Como gostarias que fossem dadas as aulas de História?

4 – Como participas nas aulas de História? (Assinala com um X)

- Respondo às questões postas pelo professor
- Participo em debates
- Elaboro biografias
- Elaboro material didáctico (mapas, gráficos, quadros, ...)
- Colaboro em recriações de história ao vivo
- Colaboro na organização de exposições
- Outros. Quais?

E – A avaliação

1 – Como deve ser avaliado o teu trabalho na disciplina? (Assinala com um X)

- Considerando o resultado dos testes
- Considerando a participação nas aulas
- Outros. Quais?

2 – A que tipo de questões mais gostas de responder nos testes? (Assinala com um X)

- Questões de desenvolvimento
- Preenchimento de espaços em branco
- Questões tipo verdadeiro-falso
- Outras. Quais?

F – Os instrumentos de estudo

1 – Por onde estudas? (Assinala com um X)

- Apontamentos dados pelo professor
 - Manual escolar
 - CD- Rom
 - Internet
 - Consultas efectuadas na biblioteca da tua escola ou localidade
 - Outros. Quais?
-
-

2 – Que características deve ter o manual escolar?

- Informação reduzida ao essencial
 - Muitos recursos (documentos, figuras, quadros, etc.)
 - Propostas de actividades
 - Outras. Quais?
-
-
-

Justifica a resposta que deres.
